

Maxwell dos Santos

Comensais do Caos



COMENSAIS DO CAOS

COMENSAIS DO CAOS

MAXWELL DOS SANTOS

EDIÇÃO DO AUTOR

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	11
<i>Apresentação</i>	13
1. Adriane, 27 anos	17
2. Isadora, 22 anos	21
3. Camilla, 18 anos	26
4. Débora, 20 anos	31
<i>Notas</i>	63
<i>Sobre o autor</i>	65
<i>Contribua com a literatura</i>	67

Copyright 2021 Maxwell dos Santos
Alguns direitos reservados.
+55 27 99943-3585
+55 27 98843-2666
sanmaxwell@gmail.com

Dados Internacionais de Catalogação-na-
Publicação (CIP),
Ficha Catalográfica feita pelo autor

S237v Santos, Maxwell dos (1986)

Comensais do Caos [recurso eletrônico]
/ Maxwell dos Santos. – Vitória: Do
Autor, 2021.

Modo de acesso: World Wide Web

<<http://maxwelldossantos.com.br>>

1. Contos brasileiros . I. Título.

CDD B869.35
CDU 821.134.3(81)-3

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos brasileiros B869.35

*Para todas as mulheres que foram vítimas de violência
obstétrica.*

*Para todas as crianças que morreram ou ficaram com
sequelas da violência obstétrica.*

*Para todas e todos os ativistas pela humanização do parto
no Brasil.*

Para mudar o mundo, primeiro é preciso mudar a
forma de nascer.

Michel Odent, obstetra francês

PREFÁCIO

A escrita do jovem Maxwell dos Santos é a leitura crua e nua da realidade que acomete nossos jovens na atualidade, seu olhar o permite trazer à tona questões sociais de impacto na sociedade.

Em seus livros, ele traduz a vida e as dificuldades enfrentadas no cotidiano dessa parcela da sociedade que vivencia dilemas e encontros com as novidades impostas pela falta de oportunidades.

Esse livro é especial por trazer à luz uma questão afeta ao sistema obstétrico vigente no Brasil: a violência obstétrica. Questão esta, que fora ao longo dos anos naturalizada por homens e, principalmente, por mulheres.

Mulheres que sofrem todos os dias nas maternidades brasileiras, realidade marcante no Estado do Espírito Santo.

Nos últimos anos, esse tema tem tomado espaço na pauta dos direitos das mulheres. Afinal, seria o momento do parto, um importante momento de felicidade e um especial rito de passagem para as mulheres. A transmutação da filha para a mãe.

Comum conversarmos com mulheres que já tiveram filhos por via vaginal e observarmos que toda

sua “mágoa” com seu parto, está, na verdade, localizada no tratamento inadequado e desumanizado a que elas foram submetidas.

Esse parto marcado pelo tratamento bruto, pelo uso/excesso de intervenções (muitas vezes desnecessárias), pela dor ampliada pelas intervenções, é o relato que essa mulher passará adiante.

Esse relato vai constituindo o imaginário de que o parto é um ato violento ao corpo feminino, com memórias predominantemente na dor, ao ponto de várias mulheres rechaçarem a hipótese do parto normal por estarem afetadas por esses relatos de partos que foram brutalmente marcados pela violência obstétrica.

Então o que seria a violência obstétrica? Toda sonegação de informação, violências verbais e piadinhas, procedimentos e técnicas realizados pela conveniência profissional para apressar o parto (que podem trazer danos à saúde do bebê e da mulher), falsas indicações de cesáreas, que podem ocorrer durante o pré-natal, parto e pós-parto.

Seria possível se prevenir? A informação é a arma mais poderosa que as mulheres e homens podem se utilizar para precaver das violências obstétricas e assim, vivenciar um parto mais digno e respeitoso.

A aproximação de grupos de apoios à gestação, profissionais envolvidos com a humanização do parto (médicos obstetras, enfermeiras obstetras e doulas) e o empoderamento são importantes chaves que podem ser utilizadas.

E é nesse sentido que o livro demonstra sua importância, servir como fonte de informação e desnaturalização da violência obstétrica.

Graziele Rodrigues da Silva Duda

Doula do grupo Zalika

APRESENTAÇÃO

Com entusiasmo e espanto, encontro as narrativas de Maxwell dos Santos. Com entusiasmo, pois a temática do livro encontra-se na ordem do dia. E com espanto, pois Maxwell dos Santos é um jovem homem, discorrendo sobre temas como o amor, o sexo, os relacionamentos e principalmente sobre as formas de parir, esse, exclusivamente do universo feminino.

Contrariando o ditado popular, a arte neste caso especificamente, tem imitado, ou melhor, reportado a vida. As narrativas contadas não é mero fruto da imaginação do jovem autor. Elas são bem reais, e cotidianamente, nós, cientistas da Saúde Coletiva, principalmente, Saúde da Mulher, encontramos mulheres, cujas histórias muito nos faz recordar de Adriane, Isadora, Camilla e Débora. Sim, elas existem e são reais.

Atualmente, no Brasil, 95% dos nascimentos em serviços de saúde privados ocorrem por cesarianas. Nos hospitais do Sistema Único de Saúde (SUS), esses índices são um pouco menores, cerca de 65%. O que não representa qualidade na experiência dos partos. Ou seja, os partos “normais” acontecem, porém, repletos de intervenções biomédicas.

Esses números são preocupantes, pois de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o aceitável é cerca de 15%. Outro indicativo interessante é que 80% de mulheres no início do pré-natal declaram a preferência pelo “parto normal”. O que as faz mudar tão radicalmente de ideia em tão pouco tempo?

O modelo de assistência em saúde hospitalocêntrico, a falta de educação e das práticas médicas, baseadas em evidências científicas, ausência de educação perinatal e principalmente, a falta de estímulo e respeito ao exercício do protagonismo feminino no momento do parto são, sem dúvida, os grandes causadores da epidemia de cesarianas e de partos violentos que deixam marcas indeléveis nos corpos das mulheres, em seus psiquismos e em suas famílias.

Os custos sociais, familiares, econômicos e futuros são incalculáveis, pois refletem diretamente na qualidade do cuidado puerperal que será dispendido por essa mulher ao seu bebê e em partos futuros.

Entramos o ano de 2015 com uma promessa de mudança na realidade e no modelo obstétrico do país. Enfim, a reflexão sobre a qualidade de assistência da saúde para mulheres no momento do parto saiu da agenda dos movimentos feministas, da academia e dos lamentos quase inaudíveis das mulheres e passaram a integrar as agendas das políticas públicas: a saber, a regulação da ANS (Agência Nacional de Saúde) acerca das cesarianas eletivas para trazer variados atores sociais para a discussão: mulheres, profissionais da assistência, políticos, juristas, passam a considerar as variadas formas de violências obstétricas e passam a discutir sobre o assunto, tornando a questão pública, tirando-o da esfera privada e institucional e com isso, os serviços de saúde, as mulheres tendem a ganhar com a melhora nas assistências.

Embora haja muitos movimentos que não entendem ao certo, o que “querem as mulheres” e que acreditam que parir seja algo primitivo e desnecessário, Freud, no século passado, debruçou boa parte de seus estudos e pesquisas acerca do universo feminino sem ter encontrado uma única resposta que respondesse o que as mulheres querem.

Atualmente, o movimento feminino trouxe parte desse enigma à tona. As mulheres desejam trazer seus filhos ao mundo com autonomia, respeito, técnica, acolhimento e vínculo. E sim, as mulheres querem e devem parir, onde e como desejarem e se assim desejarem.

Bianca Martins

Psicóloga, psicanalista e membro da Escola Lacaniana de Vitória

ADRIANE, 27 ANOS

Adriane era uma mineira de Carlos Chagas, cabocla, baixinha, cabelo preto, defala mansa. Em sua casa, em Areinha, Viana¹, no início da noite, ela falou com o esposo, Jeremias, rapaz negro, forte e alto:

– Jerê, eu vou ser mãe. Deus ouviu as nossas orações.

– Obrigado, Jesus! – disse Jeremias, com as mãos levantadas.

– A Dra. Cristina pediu que eu fizesse o ultrassom, mas a cota deles acabou. Eu só vou ter dinheiro no fim do mês e fico sem graça de pedir emprestado pra patroa. Me arruma uns R\$ 50,00 pra fazer esse exame, numa clínica lá em Campo Grande²? – perguntou Adriane.

– Por você e pelo bebê, eu faço qualquer coisa, meu amor. Tá aqui o dinheiro – disse Jeremias, abrindo a carteira e dando a nota da onça à esposa.

Todo o pré-natal de Adriane foi normal. Ela não teve nenhum problema de saúde e os exames indicavam que tudo estava normal com a gestante e o bebê.



Às 03:00, a bolsa rompeu e começou o trabalho de parto. Era Pedro Henrique que queria vir para o mundo exterior.

– Amor, o nosso bebê tá a caminho. Me leva pro hospital – disse Adriane.

Adriane foi levada à Maternidade Maria Ortiz, no Centro de Vitória. Jeremias não pode acompanhar a esposa. Ele não pode sequer passar da recepção.

Bernardo, o obstetra, fez um dolorido exame de toque para verificar a dilatação, que estava em quatro centímetros.

– Ô doutor. Tá doendo – gritou Adriane, sentindo dor.

– Na hora de fazer, não gritou – debochou Bernardo.

Adriane foi conduzida à sala de pré-parto. Constantemente, entravam médicos para fazer os exames de toque, que foram oito. A gestante levantou e queria se movimentar, mas Glória, a enfermeira, entrou no quarto e a impediu:

– A senhora não pode se mexer. Tem que ficar deitada até a hora do bebê nascer.

Às sete da manhã, Jessé, o enfermeiro, trouxe soro com ocitocina e aplicou na veia de Adriane. Ela começou a gritar de dor e, ao mesmo tempo, pedia em espírito que Deus a levasse.

Quando chegou à sala de parto, andando e segurando o soro, Adriane foi colocada por Glória em posição ginecológica, igual a um frango assado. Rispidamente, Bernardo disse:

– Olha, se você gritar, eu juro que te deixo sozinha pra parir. Vai ter que se virar.

Fátima, a auxiliar de enfermagem fez a tricotomia³.

– Ô, minha filha, vai devagar, tá – reclamou Adriane.

– Eu faço isso todo dia. Sei o que tô fazendo – respondeu Fátima, de forma grosseira.

Vieram as contrações e Bernardo mandou Adriane fazer força. Abatida pela dor, Adriane não conseguiu fazer força e Jessé subiu na barriga⁴ da jovem e empurrou a primeira vez.

Como o bebê não saiu, o médico fez uma episiotomia⁵ e Jessé subiu mais uma vez na barriga de Adriane e assim, veio ao mundo Pedro Henrique, cheio de manchas rochas pelo corpo.

Adriane pôde ver seu bebê de longe, que foi levado para tomar banho e fazer exames. Bernardo puxou o cordão e apertou a barriga para que a placenta saísse. Ele disse à Adriane:

– Eu vou te dar alguns pontinhos⁶.

O médico fez os pontos em Adriane e a deixou sozinha na sala de parto, até que veio Fátima e a levou para a sala de pós-parto. Prontamente, trouxeram Pedro Henrique, mas ele não queria mamar. Adriane comentou com Jessé, que ironizou:

– Isso é frescura. Quando ele tiver com fome, ele mama.

Horas depois, Adriane conseguiu amamentar Pedro Henrique. Jeremias pôde ver o filho pela primeira vez.

– Jerê, eu penso que se a gente tiver outro filho, ele vai nascer de cesária – disse Adriane.

– O que aconteceu, minha flor? – perguntou Jeremias.

– Fui muito humilhada nesse hospital. Sofri demais nesse parto normal. Me puseram no soro, foi

uma dor terrível, o médico foi grosso comigo, subiram na minha barriga, o bebê nasceu roxo. Foi horrível – respondeu Adriane.

– Em compensação, nosso bebê nasceu vivo e saudável – falou Jeremias.

– Nasceu lindo e fofo que nem o pai – respondeu Adriane.

Quando Adriane se preparava para deixar a maternidade, Jessé disse:

– Tchau. Até o ano que vem.

– Vou precisar voltar o ano que vem pra fazer alguma outra avaliação?

– Você volta, sim. Mulher pobre procria que nem ratazana. Ano que vem, volta pra ter outro.

Adriane levantou um dedo para Jessé.

ISADORA, 22 ANOS

Dentro do seu Camaro amarelo, dirigindo pela Avenida Saturnino de Brito, Guilherme tirou seu iPhone 5 do bolso e ligou para Isadora:

– Alô, Isadora. É o Guilherme falando.

– Oi, Guilherme.

– Isadora, você tá em casa? Quero te ver.

– Tô em casa, sim. Pode dar um pulo aqui. Quero muito te ver, meu tigrão.

– É mesmo, minha tigresa? Não paro de pensar em você um minuto sequer. Daqui a pouco, tô chegando.

– Tá bom, então. Um beijo, gatão.

– Um beijo, meu anjo.

Aquele moreno claro, de cabelo preto, olhos verdes, com 1,90 m de puro músculo e barbudo, foi ao encontro de sua amada, uma exuberante loira de 1,65 m, olhos castanhos, cabelo cacheado e peituda.

Eram mais de 20 horas, quando Guilherme chegou ao prédio onde Isadora morava, na Mata da Praia¹, em frente à Praia de Camburi².

Identificou-se ao porteiro, pegou o elevador e chegou ao 7º andar e bateu à porta.

– Cheguei só pra te ver – respondeu Guilherme.

– Entra aí, porque a noite promete – falou Isadora, pegando Guilherme pelo colarinho da camisa.

O quarto dela era equipado com uma cama de solteiro, um guarda-roupa, uma cômoda, uma mesa, uma televisão, um aparelho de som, um DVD player, um computador e uma multifuncional. Havia também um mural de fotos, com as amigas nas micaretas.

No quarto, Guilherme beijou o pescoço de Isadora, deixando-a excitada. Depois, ele tirou a camisa. Eles fizeram sexo na cama. O rádio estava ligado e tocava *Como dois animais*, de Alceu Valença. Depois disso, Guilherme levantou e acendeu um cigarrinho de palha.

– Foi a melhor noite da minha vida, Isadora. Definitivamente, você me faz um homem – disse Guilherme.

– Você mostrou que realmente sabe satisfazer uma mulher. Os outros carinhas que já amei, me faziam parecer uma menininha virgem tocada pela primeira vez. Geralmente, um menino de onze anos ainda tá brincando de carrinho. E a menina, coitada, nem menstruou e ainda tá brincando de boneca com as amiguinhas – falou Isadora, dando uma ruidosa gargalhada.



ISADORA COLETOU urina para colocar no teste de gravidez comprado na farmácia. O indicador mudou de cor, e o resultado foi positivo.

Ela repetiu o teste por duas vezes com outros kits, dando o mesmo resultado e chorou de alegria. Isadora contou a novidade a Guilherme:

– Gui, eu fiz o teste de gravidez por três vezes e deu positivo. Eu tô grávida.

– Então, eu vou ser pai? – perguntou Guilherme.

– Sim, Guilherme. Vou ter um filho seu – respondeu

Isadora, com os olhos cheios de lágrimas.



ISADORA, grávida de dois meses, estava na sala, cada vez mais desconfiada de que Guilherme lhe traía.

Na dúvida, ela ligou para o celular dele. Deu “fora da área de cobertura ou desligado pelo cliente”.

Depois, ligou para o dono da Hermes Distribuidora, seu Lourival Nonato, onde seu amado era gerente:

– Alô, seu Lourival. É a Isadora, esposa do Guilherme. Desculpa por tá ligando pro senhor a essa hora, mas queria saber se o senhor o viu.

– Guilherme veio trabalhar hoje e foi embora às 18 horas.

– Tá bom. Obrigada.

– De nada.

A jovem ficou bastante irritada. Ela ligou para a casa da mãe do Guilherme, dona Célia.

– Alô, dona Célia. É a Isadora. Guilherme tá aí?

– Olha, Isadora. O Guilherme passou aqui só na hora do almoço.

– Tá bom. Obrigada.

Isadora pôs o telefone no gancho. Já eram mais de 23 horas quando Guilherme abriu a porta da sala e entrou em casa. O tempo fechou.

– Isso é hora de chegar, Guilherme de Oliveira Lima Júnior? Onde você tava enfiado? – perguntou Isadora, com o tom de voz elevado.

– Ué, Isadora, eu tive uma reunião com os donos da empresa – mentiu Guilherme.

– Deixa de ser mentiroso, cara. Seu Lourival disse que o expediente terminou às 18 horas – gritou Isadora.

– Eu juro por Deus que eu tava trabalhando, é verdade – mentiu Guilherme outra vez.

Isadora sentiu um cheiro de perfume estranho no pescoço de Guilherme.

– Que perfume é esse que você tá usando? Parece perfume barato de rapariga de beira de estrada – perguntou Isadora, já a ponto de explodir.

– O perfume que tô usando foi dado por minha mãe, no dia do meu aniversário – prosseguiu Guilherme na mentira.

– Pára de mentir, seu cachorro, safado, sem vergonha! Confessa de uma vez que você tem outra! Porque sua mãe é uma senhora de bom gosto e jamais compraria um perfume tão barato, ainda mais esse aí de rapariga – gritou Isadora, estapeando o ombro de Isadora.

– Não me aborrece, Isadora! Vai ver se tô lá na esquina, sua ordinária – gritou Guilherme.

– Ordinária é a sua trajetória! Matava aula pra fumar maconha, seus pais pagavam pra você passar de ano, engravidou a Paulinha e fez a cabeça dela pra abortar. Ela abortou e até hoje, vive atormentada pela culpa e vive chorando pelos cantos. Você destruiu os sonhos dela e eu não vou permitir que você destrua os meus – gritou Isadora, chorando.

– Ai, Isadora. Me poupe do seu vitimismo – zombou Guilherme.

– Eu vou mostrar quem vai ser a vítima – gritou Isadora.

A moça pegou um vaso e arremessou contra Guilherme, que desviou e tentou detê-la. Ela se soltou de Guilherme e deu-lhe um chute nos “países baixos”,

que o fez cair no chão. Isadora pegou o punhal no chão para matá-lo, mas só conseguiu acertar-lhe o braço e mais uma vez, foi detida por Guilherme.

De repente, Isadora percebeu que seu vestido estava sujo de sangue, assim como o chão. Ela se desesperou, pois estava tendo um princípio de aborto.

– Não, não acredito! Meu Deus, eu tô sangrando! Guilherme, me ajuda! – gritou Isadora.

Guilherme virou-lhe as costas e saiu do apartamento.

Isadora arrastou-se em direção ao telefone e ligou para Karla, sua amiga de longa data, pedindo-lhe desesperadamente para que a levasse para o pronto-socorro do Hospital Santo Amaro, em Jardim Camburi. Ao chegar ao hospital, a jovem foi encaminhada ao Dr. Serapião Gonçalves, que não lhe cumprimentou, ao saber de sua idade gestacional e ver a quantidade de sangue exposta, friamente disse:

– É um aborto. Torça para que o sangramento continue e não necessite fazer uma curetagem.

Isadora caiu no choro.

– Você é jovem e terá outros filhos – falou o médico.

Todos os enfermeiros e técnicos de enfermagem daquele hospital olhavam Isadora com olhar de desprezo, como se ela tivesse provocado o aborto, mas, na verdade, era um aborto espontâneo e lhe ignoravam. Por mais que ela dissesse que ela perdeu o bebê, diziam: “Ahham...”



NO DIA SEGUINTE, Isadora foi submetida à curetagem para remoção dos restos fetais. Não houve anestesia e a jovem teve que suportar as dores atrozes.

CAMILLA, 18 ANOS

Por trás da aparência frágil, voz doce e melodiosa, pele branca, e medindo 1,53 m, Camilla escondia um temperamento rebelde e autodestrutivo. Não trabalhava, nem estudava.

Desde os 14 anos, era dependente de drogas. No início, usava fristo¹. Com o passar do tempo, ela se entediou com o fristo e passou a consumir o crack puro.

Quando não tinha dinheiro, Camilla se prostituía em troca de quaisquer vinte reais para que pudesse sustentar seu vício. Ela fazia seus programas dentro do Hospital São Francisco, atualmente desativado.

O estabelecimento, situado na Praia do Suá², outrora referência na cidade, hoje é um cenário de completa destruição: vidros quebrados, paredes pichadas, salas destruídas, muito mato, lixo espalhado por todos os lados e camisinhas espalhadas pelo chão.

Foi lá que Camilla teve relações sexuais com um pescador conhecido como Zé Pereira e dele ficou grávida.



FALTANDO alguns minutos para o fim do expediente na loja, Flaviane, a irmã de Camilla, combinou com Dinho, seu primo, de armar um flagra na Praça do Cauê³.

Eles seguiram Camilla, sem que ela percebesse. Ao chegar à Praça do Cauê, encontraram-na fumando pedra no cachimbo.

Flaviane não suportou a situação e disse:

– Muito bem, dona Camilla. Fumando pedra em praça pública...

– Eu não tenho que dar satisfações da minha vida pra seu ninguém! Se quiser fumar, eu fumo. Sou livre pra decidir sobre mim mesmo e sobre meu corpo! Sou maior de idade, a decisão é minha! – gritou Camilla.

– Você é livre para decidir sobre si mesma. O problema é quando as liberdades individuais afetam direitos de terceiros. Você tá fumando crack em praça pública, na frente de crianças e adolescentes. Ficou doida? – perguntou Flaviane.

– Uau, tá a defensora dos frascos e comprimidos – ironizou Camilla, soltando fumaça de crack na cara de Flaviane.

A irmã de Camilla começou a chorar. Dinho, de longe, acompanhou a conversa. Ele disse:

– Pelo amor de Deus, se é que você crê nEle, largue essa pedra, enquanto é tempo!

– Vá pro inferno, se é que ele existe, Dinho. Vamos fazer uma campanha em defesa da vida? Que cada um cuide da sua, cara! – gritou Camilla.

– A gente só quer o seu bem, Camilla. Eu não posso ver minha irmã se autodestruindo com uma pedra. Abandona logo essa pedra – disse Flaviane, chorando.

– Ah, Flaviane, você já tá ficando chata! – respondeu Camilla.

– Sabe que acho, que você é uma grande perdedora, que precisa da droga pra fugir da realidade e preencher um vazio da alma – gritou Dinho.

– Qual foi a parte do metam o pé daqui que vocês não entenderam? – gritou Camilla.

– Vamos embora, Dinho. Não há mais nada que possamos fazer por ela. Nossa parte tá feita. Chega de malhar em ferro frio – falou Flaviane.

Desapontados, Dinho e Flaviane foram embora da Pracinha do Cauê.

– Tomara que ela fume essas pedras até cair dura no chão! – gritou Dinho.

– Não fala isso não, Dinho. Tira essa raiva do coração – disse Flaviane.



APÓS MUITA LUTA, Flaviane conseguiu internar à força sua irmã na Clínica Vila Esperança, em Cachoeiro de Itapemirim. Tempo suficiente para que ela se recuperasse do vício. Ela estava com uma aparência mais saudável quando sua irmã apareceu na clínica para buscá-la. Camilla já ostentava uma barriga de nove meses.



– FLAVIANE, por favor, me ajuda! - gritou Camilla, sentindo as dores do parto.

Flaviane entrou no quarto de Camilla e se espantou ao ver o estado da irmã, que olhou para ela. As lágrimas escorreram pelo rosto da jovem, que apertou a barriga e chorou mais.

– Vai ficar tudo bem, nós vamos agora pro hospital – disse Flaviane.

Flaviane ajudou Camilla a levantar, que se apoiou nela e as duas saíram do quarto.

Dinho foi em direção à porta da casa de Camilla. Antes que ele chegasse, Camilla e Flaviane saíram. Ele foi em direção às primas, muito apressado.

– O que houve? – perguntou Dinho.

– Ela tá em trabalho de parto. Ela apenas balbucia as palavras, as contrações são muito forte – respondeu Flaviane.

Fábio olhou para Camilla e disse:

– Vai ficar tudo bem, a gente vai dar um jeito.

O rosto de Camilla sorriu fracamente e empalideceu.

Fábio a segurou, pegou no colo e a levou em direção ao seu carro. Ele acelerou para chegar à Maternidade Maria Ortiz, no Centro de Vitória. Camilla gemia dentro do carro.

– Calma, meu anjo. A gente já tá chegando – disse Flaviane, afagando Camilla.

A irmã de Camilla, com a ajuda de Fábio, a retirou do carro, pois ela caminhava com dificuldade e segurando a barriga e a levaram para a emergência, onde foi amparada pelas técnicas de enfermagem.

A doutora Júnia ordenou que Wendy Aline, a técnica de enfermagem, aplicasse na gestante Buscopan, um remédio contra cólica e disse para ela:

– Camilla, ainda não tá na hora do parto e mesmo se tivesse, a gente não tem leitos disponíveis. O ultrassom tá quebrado e não tem como ver como tá seu bebê.

No dia seguinte, Camilla já não sentia os movimentos do bebê. Ela fez um ultrassom particular, onde constatou a morte dele, enrolado no cordão umbilical.

Com ajuda de amigos, Camilla conseguiu uma vaga na maternidade que a recusou para fazer uma

cesariana e retirar o bebê sem vida. Abalada e chorando muito, não quis ver o filho inerte.

DÉBORA, 20 ANOS

Eu, minha mãe e Pedrinho, meu irmão, fomos à Pizzaria Nonna Giovanna, na Mata da Praia, para comemorar meu aniversário de 21 anos. Falei com mamãe:

– Mamãe, faz um tempão que eu não como pizza.

– Jura, Débora?

– É verdade. A última vez que fui comer uma pizza foi no meu aniversário, no ano passado, numa pizzaria, em Bairro de Fátima, com meus amigos.

– Cadê o Leonardo? Ele ficou de vir.

– O Léo não virá. Ele me disse por mensagem que tava agarrado no texto do TCC e precisava apresentá-lo ao seu orientador na faculdade.

– Já reparou que ele tem dado várias desculpas pra não te encontrar? Às vezes, a agenda da gente seja apertada, mas deixar de participar do aniversário da namorada, aí já é demais.

– Mamãe, pára de implicar com o Leonardo. Ele só tá atribulado nesse semestre por conta do TCC.

– O Leonardo nunca me inspirou confiança. Você é tão inocente...

– O que você tá insinuando, mamãe? - gritei.

– Nada, Débora. Só devaneios.

O garçom trouxe a pizza maracanã de calabresa e a Coca-Cola de dois litros. Cortei uma fatia da pizza e servi a Pedrinho.

– Quer mais pizza, Pedrinho? – falei.

– Sim, Débora – respondeu Pedrinho, com a pizza na boca.

Ao terminarmos a pizza, mamãe passou no caixa, pagou a conta e fomos para o carro. Voltávamos para casa. Antes, paramos no Posto 3 Irmãos, próximo a Ufes para abastecer.

De repente, um Peugeot 308 e um Mitsubishi Eclipse, em altíssima velocidade, invadiram o posto, atropelando a mim, mamãe, meu irmão, que havia saído do posto de conveniência onde comprou batata Ruffles e Paulo César, o frentista.

Com a violência do atropelamento, Pedrinho foi arremessado a uma distância de 5 metros do posto. O frentista, Paulo César, morreu na hora. Seu Ítalo, o dono do posto, acionou o Samu, o Corpo de Bombeiros e a Polícia Militar. Várias ambulâncias chegaram ao local.

Eu, Pedrinho e mamãe fomos levados para o Hospital Pedro Feu Rosa. Mamãe não resistiu aos ferimentos e morreu dentro da ambulância. Tive fraturas no braço esquerdo e a perna direita sofreu luxação. Joelma, minha tia, me fez companhia.

– O que aconteceu? Por que eu tô aqui? – perguntei, ainda um pouco tonta.

– Você, sua mãe e o Pedrinho foram atropelados num posto de gasolina – respondeu Joelma.

– Cadê mamãe e o Pedrinho? – perguntei.

– Sua mãe está com o Senhor e seu irmão tá internado em estado gravíssimo – respondeu Joelma, chorando.

– Meu Deus, por que fez isso comigo? Me tirou as

peessoas mais caras da minha vida. Por quê, meu Pai? Por quê? – gritei, pondo as mãos no rosto – Eu queria ter morrido com eles.

– Não fala isso nem brincando, meu amor. Eu te amo muito – disse tia Joelma.

– Eu também te amo – respondi, abraçando tia Joelma.



NO DIA SEGUINTE, Pedrinho teve a morte encefálica declarada. Eu e tia Joelma autorizamos a retirada dos órgãos para transplante. Os corpos de mamãe e Pedrinho foram velados na capela do Cemitério Além do Rio Azul. O clima era de tristeza e revolta. Não saía do caixão onde estava mamãe.

– Mamãe, mamãe querida. Volta pra mim, por favor – chorava, acariciando seu rosto gélido e inerte.

Janderson, meu ex-padrasto e pai de Pedrinho, apareceu de supetão e se aproximando de mim, disse:

– Débora, meus sentimentos.

– O que você tá fazendo aqui? Peço, por favor, que se retire daqui e respeite a minha dor – disse, subindo o tom da voz.

– Eu vim prestar minha solidariedade – respondeu Janderson, hipocritamente.

– Solidariedade? Alguma vez na sua vida, você soube ser solidário com alguém? Desde que te conheço, sempre vi um homem egoísta, mesquinho e ávido por dinheiro. Nunca amou mamãe, mas a vida cheia de luxos que ela te dava. Você ama coisas e usa pessoas. Você discriminou e maltratou seu filho e meu irmão por ele ser autista e vem aqui dizer que é solidário com a minha dor? A quem você quer enganar,

cara? Sai daqui agora, senão vou chamar o segurança – gritei.

– Eu tô arrependido – respondeu Janderson.

– Qual foi a parte do sai daqui que você não entendeu? Me deixa em paz! - gritei, empurrando Janderson.

Às 14 horas, os corpos de Pedrinho e de mamãe saíram da capela e foram sepultados às 14:30. Os caixões desceram sob aplausos.



ALGUNS DIAS DEPOIS, fui à caminhada com meus parentes, os parentes do frentista Paulo César e amigos, pedindo paz no trânsito e cobrando mais empenho nas investigações, pois sentíamos que estavam muito lentas e os assassinos, filhos de famílias abastadas, estavam soltos. A caminhada saiu da Rodovia Serafim Derenzi, em Joana D'arc, passou pela Avenida Maruípe e foi para a Avenida Fernando Ferrari e lá fizemos orações.

Após isso, Viviane, a viúva de Paulo César, fez um discurso:

– Meu peito tá sangrando. Minha vida já não é mais a mesma desde que o Paulo César morreu. Eu e minhas filhas passamos necessidades, o aluguel da casa onde a gente mora tá atrasado e a dona me deu prazo até hoje pra quitar a dívida, senão vai botar nossas coisas no lado de fora. O dono do posto não deu assistência alguma. Ainda não pagaram pra gente os direitos trabalhistas do Paulo César. Ninguém da família dos atropeladores ou eles mesmos apareceu pra perguntar se a gente tá precisando de alguma coisa. As investigações não andam e os assassinos tão soltos. São pessoas ricas e influentes. Se fosse o Paulo

César que tivesse atropelado e matado esses dois rapazes, ele, coitado, já tava atrás das grades.

Eu também falei:

– Saí há poucos dias do hospital. Tô aqui com o braço enfaixado e de muletas. Nunca mais verei meu irmãozinho e minha mãe, que eu tanto amava. Duas vidas foram arrancadas por causa do desejo egoísta de dois moleques que encheram a cara e pegaram seus carros e dirigiram perigosamente, assumindo consciente e deliberadamente o risco de produzir o resultado. Nada vai trazê-los de volta. A dor é grande demais.



ESTAVA VISIVELMENTE ARRASADA. Ainda não me conformava com a morte de mamãe e do meu irmão. e mamãe. Quis jogar tudo para o alto e desistir. Mas percebi que a vida continua, na esperança de rever os meus na glória dos céus.

Voltava do estágio na agência de publicidade Clio e Calíope, no setor de criação e naquela noite, fui me encontrar com Leonardo, moreno claro, olhos verdes, musculoso e careca, na Rua Constante Sodré¹, mas o vi agarrado aos beijos na portaria do prédio onde ele morava com uma loira alta e malhada chamada Tatiana, a quem julgava ser minha melhor amiga. Ao ver essa cena, comecei a chorar e saí correndo. Leonardo, na maior cara-de-pau, foi atrás de mim, dizendo:

– Peraí, Débora! Posso explicar...

– Eu vi tudo, Leonardo! – respondi, gritando e chorando muito – Vai me explicar o quê? Bem que minha saudosa mamãe e minhas amigas falaram que você é um conquistador barato, um hedonista, mas eu, idiota, tava apaixonada, eu te amava de verdade e é assim que você

me retribui? Com uma traição? Por que não disse que não queria mais? Assim eu sofreria menos. Seja feliz com ela, porque o amor entre nós dois acabou. Toma aqui o anel de compromisso fajuto e esquece que eu existo.

– Volta aqui, Débora – falou Leonardo.

– Vá pro inferno! – gritei.

Será que eu, com 21 anos, cabelo ruivo e liso, olhos verdes, busto generoso, rosto sardento, 65 quilos distribuídos em 1,65 m, sou uma mulher feia? O que a ex-amiga fura-olho da Tatiana tem o que eu não tenho.

Há poucos dias, minha mãe e meu irmão morreram num acidente automobilístico provocado por dois moleques bêbados. A traição do Leonardo foi outro golpe para mim.

Chegando ao meu apartamento, na Rua Aleixo Netto, na Praia do Canto², fui à despensa, peguei uma garrafa de Absolut e a tomei para esquecer o que ocorreu e de tanto beber, desmaiei no chão.

No dia seguinte, acordei com uma ressaca terrível. Fui para a cozinha tomar o café e senti que ele não tinha gosto. Em meus olhos, havia uma nuvem de lágrimas. Parecia que nada fazia mais sentido em minha vida. Meu mundo caiu.

Mais tarde, liguei para minha melhor amiga e colega de faculdade, Marianna, 21 anos, morena clara, pequenininha, olhos e cabelos castanhos lisos, com franjinha e demonstrava sua empatia com as pessoas por sua voz doce e melodiosa.

– Oi, Marianna. Que bom poder falar com você.

– Oi, Débora. Por que você não foi à aula hoje?

– Ontem, meu dia terminou péssimo. Flagrei o Leonardo me traindo com a Tatiana, na porta do prédio dele. Pra esquecer o que passou, tomei uma garrafa de Absolut, capotei e acordei com uma ressaca monstra.

– Ai, meu Deus! O Leonardo sempre foi um galinha e nunca levou nenhum caso a sério. Ai, amiga, se você tivesse escutado meus conselhos...

– É verdade, Marianna. Eu tava cega de paixão, pensando que por trás de seus toques, houvesse um recalque seu ou um amor não correspondido por aquele cachorro. Me perdoa, amiga.

– Imagina, meu bem. Já passou. Bola pra frente. Amanhã, quero te encontrar irradiando alegria, correndo atrás de mim pra contar os bafões.

– Irei amanhã à faculdade. De hoje em diante, tô em hiato indefinido pro amor.

– Você vai encontrar um carinha que te mereça.

– Deus te ouça.

– Débora, eu tenho que desligar. Tô com sono. Um beijo.

– Um beijo, minha linda.



NO DIA SEGUINTE, fui à FAVIT, onde fazia o sexto semestre de Publicidade e Propaganda. Cheguei atrasada à aula de Produção Publicitária para Rádio, ministrada pelo professor Daniel Barreto, que falava aos alunos:

– Pra próxima aula, vocês vão trazer o roteiro de um spot de 30 segundos numa folha à parte pra mim. Pode ser individual ou em dupla.

Eu era péssima em redação, mas no design gráfico, modéstia à parte, sou muito boa. Na turma, só tinha uma pessoa que poderia me ajudar: Fábio, 21 anos, com feições indígenas, 1,70 m, magrinho, olhos castanhos e cabelos pretos e lisos. Ele é o crânio nos textos e é primo de Marianna. Nas horas vagas, gostava de

escrever contos e crônicas. No corredor da faculdade, conversei com ele:

– Fabinho, meu anjo, preciso de um favor seu.

– O que você tá precisando, Débora?

– Vamos fazer o roteiro juntos? Não fui muito bem na última prova e preciso tirar pelo menos sete nesse trabalho pra não ficar de prova final.

– Topo fazer o trabalho com você. Onde a gente se encontra?

– Eu moro na Praia do Canto, na Rua Aleixo Netto, Edifício Michelangelo, apartamento 304. Passa lá amanhã, às quatro e meia da tarde. Você me ajuda, lancha comigo e a gente vai junto pra faculdade. Nos vemos amanhã.

– Tá bom.

Depois, fui à cantina, pedi uma pizza à rolê e um suco de limão sem açúcar. Vi Marianna, dei-lhe um beijo e começamos a conversar:

– Oi, Marianna.

– Oi, Débora – respondeu Marianna, me abraçando calorosamente.

– Vou fazer o trabalho do professor Daniel com o Fábio. Ele é fera na produção de textos. Esse trabalho é o meu garante pra passar direto na disciplina.

– E eu, que tenho um fichamento de um texto de Adorno pra entregar àquela benção da Miriam, que tá ministrando Antropologia Cultural. Pra variar, ela quer o trabalho manuscrito.

– Que horror! É um método antiquado. A Miriam tá tratando a gente como alunos de terceira série.

– Ela posa de moderninha e libertária, mas seus métodos são da escola tradicional. Não aceita ser contestada em sala de aula, colocando-se como senhora absoluta das verdades. Cazuza já dizia: “tuas ideias não correspondem aos fatos”.

– E manda a gente se recolher à nossa insignificância de acadêmicos de Comunicação, porque ela é pós-doutora pela Universidade de Cambridge. Grandes merdas.

– De que vale ser pós-doutora e não dar bom dia ao porteiro do prédio onde mora? Há testemunhas.

– Além de autoritária, Miriam nutre um discurso de ódio à cultura de massa.

– Ela só gosta daquilo que é cult. Odeia tudo que tenha cheiro de manifestação popular. Deus me defenda!

– Queria pedir cancelamento dessa disciplina, mas já passou o prazo. Fiz a matrícula, porque o Wellington, aquele monumento em forma de boy magia, seria o responsável pela cadeira. Por causa de uma briga com a coordenadora do curso, ele foi demitido e a jara-raca da Miriam tá ministrando a matéria.

– É tenso, Débora.



NA TARDE DO DIA SEGUINTE, Girlaine, a doméstica, foi ao meu quarto e disse:

– Débora, o Fábio chegou. Ele tá na sala.

– Tá bom. Já tô indo.

Saí do quarto e fui à sala. Fábio divertia-se com o seu tablet Android, jogando *Angry Birds*, enquanto me esperava. Me aproximei dele e disse:

– Boa tarde, Fábio. Que bom que você chegou. Bora pra cozinha?

– Vamos – respondeu Fábio, saindo do sofá.

Entre um misto quente e outro, pusemos a cabeça para funcionar. Fábio falou:

– Débora, quando tava a caminho daqui, eu pensei em fazer um spot do Franguinho da Tia Beth.

– Como seria isso?

– Um diálogo de amigas a respeito de comer frango assado no almoço de domingo, mas não querem saber de cozinhar. Entra a intervenção do locutor, falando do Franguinho da Tia Beth e no fim, vem a assinatura com endereço e telefone.

– Perfeito! Eu adoro frango assado! A propósito, essa Tia Beth é real ou é produto de sua fértil imaginação, amigo?

– A Tia Beth é real, Débora. Ela tem uma lojinha em São Cristóvão³, onde eu moro. Tenho o cartão dela.

—Maravilha! Que vozes serão utilizadas na peça?

– No diálogo, duas vozes femininas. A intervenção terá uma voz masculina.

– Na assinatura, é preciso incluir o nome da marca, slogan e telefone para pedidos. Abre seu laptop e mete bronca nesse roteiro, gato!

Ao chegar à FAVIT, fui à coordenação de Comunicação Social e coloquei o trabalho no escaninho do professor. Depois, passe pela carteira de Fábio e falei:

– Fábio, valeu mesmo pela ajuda. Você salvou a minha vida, cara. Você é o máximo!

Dei um beijinho no rosto de Fábio. Os colegas mais espirituosos fizeram gracejos. Aproveitei a oportunidade para transmitir um recado:

– Galera, domingo, vai rolar uma festa lá no meu apê. Open bar, uma ova! O lance agora é *all inclusive!* Comes e bebes à vontade. Vai custar R\$ 70,00. Quem tiver afim, é só me dar o dinheiro até sexta-feira, valeu?



CHEGOU o dia da festa no meu apê. Entrei no banheiro, tomei um banho, me enrolei no robe, fui para o

quarto, tirei o robe, coloquei um vestido florido, calcei uma rasteirinha, me maquiei, pus meus brincos de argolas e muitas pulseiras e me perfumei com Biografia, da Natura.

Às 20 horas, os convidados chegaram. Os comes e bebes rolaram como prometido: Red Label, Absolut, Big Apple, cerveja Budweiser, suco gummy, caipirinha, pau na coxa⁴, enroladinhos, canapés, quibes, esfirras, pasteizinhos, sem contar a tábua de frios, com vários tipos de queijos, presuntos, palmitos e azeitonas.

Mudei radicalmente meu comportamento após ter sido traída por Leonardo: abandonei a igreja, passei a me vestir de forma mais provocante e me envolver em relacionamentos breves e tratar friamente os homens, enxergando-os como objetos descartáveis. Fiquei pessimista e cética diante de tudo e de todos. Acreditava que menina boazinha só se dava mal e que os homens eram todos canalhas.

Na festa, as pessoas bebiam por todos os lados, com copos espalhados por todo o apartamento. Formou-se uma rodinha. Eu estava no meio dela, bebendo minha cerveja.

Leonardo, meu ex-namorado, entrou na festa de bicão, aproximou-se de mim e tentou me beijar, mas o empurrei e ele bateu contra a parede.

– Como você entrou aqui? Fora da minha casa, seu verme! – gritei.

– Vim aqui pra te pedir uma nova chance – alegou Leonardo.

– Acabou, Leonardo! Vai embora e não me procure mais! – gritei outra vez, empurrando meu ex para a porta.

Os convidados vaiaram Leonardo, que saiu do meu apartamento. O som alto tocava *We found love*, de Rihanna. Bebi cerveja, como se não houvesse amanhã.

Daqui a pouco, estava bêbada e me insinuei para o Fábio, me sentando em seu colo:

– Fábio, meu tchutchuco, você tem namorada?

– Não.

– Você é virgem?

– Sim.

– Seu lindo! Vamos pro meu quarto, porque hoje vou te fazer homem. Hoje, você vai ser meu e eu, serei sua.

Fomos para o quarto e tranquei a porta com chave. Ele disse:

– Espero que ninguém nos flagre.

– Relaxa. A gente vai brincar um pouco – respondi, com um sorriso malicioso.

Fábio tinha uma respiração ofegante. Seu coração parecia que saltaria a qualquer momento.

– Nossa, como você tá vermelho – reparei, beijando Fábio na boca.

Tirei minha roupa, assim como Fábio tirou a dele. Subi por cima dele e beijei sua boca. Nessa hora, nossos corpos interligados atingiram o prazer. Um desejo incontrolável tomava conta da gente. Vimos o céu, as estrelas, a Via Láctea e o Cosmos. Aquele momento foi o melhor de nossas vidas.

Tudo conspirava a nosso favor: não havia ninguém para nos importunar. Nos amamos intensamente em quatro paredes. A janela estava aberta e lá fora, a Lua estava cheia, sendo testemunha e cúmplice.

Conversei com Fábio:

– Agora, ninguém mais vai duvidar da sua masculinidade... meu garanhão.

– É mesmo. Me sinto o cara mais sortudo do mundo.

– Você me promete duas coisas: A primeira é que

você vai se guardar só pra mim e a segunda, que você não vai contar pra ninguém o que ocorreu aqui, tá?

– Pode deixar, Débora.



POR CAUSA DA BEBEDEIRA, dormi até o meio-dia.

Fui para a cozinha comer um suculento filé com fritas acompanhado de arroz, feijão e salada. Girlaine comia comigo. A caixinha de som, com um pendrive ligado, tocava a música *Princesinha*, de Lucas Lucco.

– Girlaine, na boa, como você aguenta ouvir uma música de tão mau gosto? São as mesmas histórias do homem que vai pra balada caçar uma mulher. Parece aqueles documentários do Animal Planet, onde os leões caçam as zebras. Os refrões grudam que nem chiclete no ouvido da gente. Essas letras são machistas e tratam a mulher como objeto à sua disposição – falei, num tom de irritação.

– Débora, cada um tem o seu gosto e eu tenho o meu. Se você não gosta, não posso fazer nada – respondeu Girlaine.

– Como dizia Carlos Imperial, existe o meu gosto e o mau gosto – respondi.

– Você deveria ser mais tolerante com as escolhas das pessoas, Débora – falou Girlaine.

Saí da cozinha deixando a doméstica no vácuo. Fui ao banheiro, escovei os dentes, limpei a boca, peguei a mochila que estava na cadeira e saí para a Clio e Calíope.

No fim da tarde, mandei uma mensagem para Marianna, convidando-a para a gente comer frango à passarinha e colocar a conversa em dia. Na cozinha, pus os pedaços de frango na fritadeira, enquanto aguar-

dava Marianna. Em poucos minutos, ela chegou e bateu a porta. Abri a porta para atendê-la e disse:

– Oi, Marianna. Vamos entrar?

Tirei uma porção de frango da fritadeira e pus num recipiente com papel toalha para que nós comêssemos, enquanto colocava outra porção para fritar. Abri a geladeira e peguei a Fanta uva e a pus na mesa.

– Débora, você tá melhor? - perguntou Mariana, afagando minhas mãos.

– Mari, eu tento levar a vida da melhor forma possível, tentando me manter sempre ocupada. Mas não consigo arrancar do meu coração a saudade que tenho do Pedrinho e da mamãe. Eu os amava muito – respondi, chorando no colo de Marianna.

– Não fica assim não, amiga. Um dia, vocês vão se encontrar – respondeu Marianna, me abraçando.

– Já superou a dor da traição do Leonardo?

– Por favor, não fale o nome desse traste nunca mais, tá me ouvindo?

– Sim, Débora. Mudando de assunto, tô pensando em ir pro sítio dos meus avós, em Marechal Floriano⁵, nesse fim de semana e queria que você fosse junto comigo. Já combinei com Fábio me levar de carro. Só falta você.

– Claro que topo ir contigo. Você pensa que vou ficar aqui esperando a morte chegar? Preciso sair, me socializar. É bom pra alma.

– Que bom, Débora. Vi que consegui levantar sua autoestima.



FUI com Marianna para o sítio de seus avós em Marechal Floriano. Fábio veio conosco. Encantamo-nos com a visão de vacas, bois, bezerros e cavalos pastando

nas fazendas às margens da BR 262, entre Viana e Domingos Martins. Era uma propriedade de dez hectares, com vários pés de manga, cajá, maracujá, mamão, limão, um chiqueiro com dez porcos, um galinheiro com um galo reprodutor e quinze galinhas caipiras.

Em poucos minutos, o carro dirigido por Fábio chegou ao sítio de seu Genésio, o avô de Marianna. A alegria tomou conta daquele vovô, ao ver sua neta.

– Marianna, que bom te ver de novo – disse seu Genésio, abraçando-a.

– Tô tão contente de te ver, vovô. Após operar a hérnia, o senhor já se sente melhor? – perguntou Marianna, afagando as mãos do avô.

– Sim, Marianna. Eu já me sinto melhor, com disposição pro que der e vier – comentou seu Genésio – Vamos entrar pra comer, Marianna. Daqui já sinto o cheiro da galinha ensopada.

Entramos na casa. Dona Zilmária, 70 anos, branca, baixa, um pouco acima do peso e avó de Marianna, terminava de fazer o almoço: galinha caipira ensopada com batata e quiabo, macarrão, arroz, feijão e salada. Para refrescar, um suquinho de cajá. Quando viu a neta, fica contente e a abraçou.

– Vovó, a senhora não tem noção de quanto tempo esperei pra revê-la novamente e comer essa galinha caipira ensopada com batata e quiabo. A senhora tem mãos divinas – disse Marianna, abraçando dona Zilmária.

– Obrigada, Marianna. Quando a gente faz as coisas de coração, tudo fica melhor – respondeu dona Zilmária.

– Ai, vovó, amo uma galinha caipira – comentou Marianna.

O almoço seguiu harmonioso, onde cada um se serviu com o que quis. Meu celular tocou e atendi:

– Ei, Mabel. Como você vai, minha flor?

– Vou muito bem. Ganhei uma bolsa pra Jornalismo pelo ProUni na FAVIT.

– Que legal, Mabel! Parabéns.

– Débora, você tá aonde?

– Tô aqui acompanhando Marianna, no sítio dos avós dela, em Marechal Floriano. Que milagre que meu celular esteja pegando na zona rural e você tenha conseguido falar comigo. Cheguei aqui e só volto domingo à noite.

– Aí, Débora, ficou sabendo que Leonardo e Tatiana tiveram uma briga feia e por causa disso, ela sofreu um aborto?

– E eu com isso? Por mim que Leonardo e aquela talarica vadia da Tatiana se danem! Esses cachorros foram feitos um pro outro.

– Credo, Débora.

– Credo, nada! Sinto um ranço enorme pelos dois. Tchau.



NO INÍCIO DA NOITE, eu e Fábio fomos ao paiol e trançamos a porta. Eu disse:

– Eu tenho uma surpresinha pra você.

– O que é?

– Tire as calças e a cueca e feche os olhos.

– OK.

Abaixei minha calcinha e subi por cima dele.

– A primeira vez foi gostoso e decidi repetir a dose. Você é bom no que faz – disse ao pé do ouvido de Fábio.

– É tão bom sentir o calor dos seus braços. Quando estou com você, me sinto no céu – respondeu Fábio.

– Eu te abri os portões do paraíso, onde te fiz

homem e você me fez mulher. Vamos viver outra vez esse momento intensamente – falei.

Mais uma vez, nossos corpos se uniram, numa troca de fluídos e carícias. Os astros pareciam girar em torno de nós.



ERAM DEZ HORAS DA NOITE. Havia chegado de viagem após pegar um trânsito engarrafado na BR-262, por um protesto de moradores de Itaquari por causa dos constantes atropelamentos. Eu via o filme *O Espetacular Homem-Aranha*.

O interfone tocou. Levantei, atendi o interfone, abri a porta, peguei o elevador e quando cheguei à portaria de meu prédio, vi um cenário digno de um filme de terror. Tatiana estava toda esfarrapada e ensanguentada.

– Tatiana! Quem fez isso com você? – perguntei, horrorizada

– Débora, por favor, me ajuda. O Leonardo quer me matar! Me perdoa por ter te traído – disse Tatiana, desesperada.

Naquela hora poderia ter dito: “E eu com isso? Quero mais que você se exploda, sua cadela e talarica dos infernos. Por mim, você e Leonardo deveriam morrer abraçados”. Independente dos defeitos da Tatiana, eu não suporto violência contra a mulher. Aliás, não suporto nenhum tipo de violência. Estava reconstruindo minha vida e não fazia sentido alimentar ressentimentos.

– Eu tô assustada com o que você me contou. Se quiser, pode ficar por uns tempos aqui em casa – falei, fazendo um carinho em Tatiana.

De madrugada, vi Tatiana desmaiada no tapete da

sala. Fui à cozinha, preparei uma água com açúcar para ela e lhe dei. Recomposta, contou o que aconteceu:

– Meu tio ligou pra mim, dizendo que meus pais foram assassinados na porta da casa deles e que os corpos tão no DML⁶, pra que eu faça o reconhecimento. Perdi o meu chão, Débora. Não sei o que vou fazer da minha vida.

– Meu Deus, onde é que vamos parar? Lamento muito pelos seus pais.

– Débora, o que vou fazer da minha vida?

– Não fica assim não, amiga. Você perdeu seus pais, mas eu vou ficar do seu lado pra sempre – falei, abraçando Tatiana e enxugando suas lágrimas.

Acompanhei Tatiana ao DML, localizado a alguns quarteirões dali, no Barro Vermelho. Um de seus parentes contou à Tatiana que foi Leonardo, meu ex-namorado e ex dela, o autor do duplo homicídio. Ela se revoltou, gritando e debatendo-se no chão:

– Maldito! Desgraçado! Esse verme matou meus pais. Por que não me matou? Por que tinha que matar as pessoas mais importantes da minha vida? Juro que vou matá-lo!

Um investigador da Polícia Civil ouviu a conversa e comentou:

– Leonardo morreu num acidente de moto na Estrada Laranjeiras/Jacaraípe. Ele bateu a moto num caminhão. Acabo de chegar de lá. O corpo dele deve chegar daqui a alguns minutos.

– Se ferrou, otário. Quero mais é que ele arda eternamente no inferno! Agora deve tá no colo do capeta, padecendo pelos erros que cometeu aqui na Terra. Essa praga não foi parida, foi chocada em um ninho de abutres. Tá explicado porque ele tinha esse gênio.

Mas tudo que queria era ter meus pais de volta. Meu Deus, porque, meu Pai? - gritou Tatiana.

- Eu ainda custo a crer que Leonardo fosse chegar a esse ponto de matar - comentei.

Em alguns minutos, chegou o rabeção da Polícia Civil, trazendo o corpo de Leonardo, que foi direto para a geladeira. Os corpos de Orlandino e Janeide, os pais de Tatiana, estavam em macas separadas. Tatiana fez o reconhecimento dos corpos.

Às 10 da manhã, ocorreu o velório dos pais de Tatiana. Havia uma multidão que estava ali para prestar a última homenagem. Tatiana não saía perto do corpo de sua mãe. Ela não parava de chorar. Os corpos foram enterrados no Cemitério de Santo Antônio.



TODA VEZ que eu sentia cheiro de fritura ou algum perfume mais forte, enjoava e vomitava. Meus seios aumentaram de tamanho, sentia formigamento neles, tinha manchas no rosto e minha menstruação estava atrasada. Comentei isso com Marianna, num almoço aqui em casa:

- Marianna, a minha menstruação tá atrasada e tô enjoada.

- Você teve relações com alguém, Débora?

- Transei com Fábio por duas vezes. A gente ficou sem camisinha e me esqueci de tomar a pílula.

- Sua louca! Como você fica com o carinha sem camisinha? Você pode tá grávida!

- Eu não tô pronta pra ser mãe. Ainda tenho muita coisa pra fazer, como me formar, conseguir um emprego, fazer uma pós, arrumar um cara legal, noivar, casar e só depois, ter filhos.

– Procure sua ginecologista. Ela vai te indicar um exame de gravidez.

Após o almoço, escovei os dentes, limpei a boca, peguei a mochila que estava na cadeira e parti de moto para a agência. A todo momento, acariciava a barriga, num movimento inconsciente.

“Isso não pode tá acontecendo, não comigo”, pensei.

No fim da tarde, peguei o guia de meu plano de saúde e abri na seção de ginecologia e obstetrícia, na cidade de Vitória. Apareceu no nome da Dra. Ângela Costa Cruz. Liguei para o consultório:

– Olá, boa tarde. Com quem eu falo?

– Quem fala é a Juliane, do consultório da doutora Ângela. Em que posso servir à senhora?

– Eu quero marcar uma consulta com a Dra. Ângela.

– Pra qual dia?

– É possível pra amanhã?

– Bem, ela tem horário disponível só às 19 horas. Manhã e tarde tão lotados.

– Pra mim tá bom. Pode marcar.

– Está marcado.

– Obrigada, viu? Tchau.

– Disponha.

No dia seguinte, eu estava no consultório da Dra. Ângela, sentada na recepção, esperando ser atendida. Enquanto isso, lia *A Guerra dos Tronos*. As demais pacientes liam as revistas de fofocas. De repente, ouvi Juliane me chamar:

– Débora, a Dra. Ângela tá te aguardando.

– Desculpe, é que eu tava distraída com a leitura do livro.

Acompanhada de Juliane, fui até o consultório da Dra. Ângela e nele entrou. Aparentava ter 30 anos,

morena, cabelo preto preso com um coque, olhos castanhos. Ela estava sentada me aguardando.

– Boa noite. Você que é Débora? – perguntou Dra. Ângela.

– Sou eu, sim – respondi.

– O que te traz aqui? – perguntou Dra. Ângela.

– Doutora, a minha menstruação tá atrasada, fico enjoada ao sentir cheiro de fritura ou um perfume mais forte e os meus seios aumentaram de tamanho – eu disse.

– Veja bem, com minha experiência em ginecologia e obstetrícia, há fortes indícios de uma gestação. Deite-se na maca, que eu vou fazer um ultrassom pra constatar – respondeu Dra. Ângela.

Fiquei gelada. Perguntei a mim mesma como isso podia ter acontecido. Seguindo a orientação da ginecologista, me deitei na maca. Dra. Ângela fez a ultra em mim e disse:

– Débora. Meu diagnóstico está correto. Você está grávida de cinco semanas.

Nessa hora, entrei em desespero e chorei.

– Meu Deus! E agora? - perguntei.

– Agora, você vai ter que encarar a realidade. Você vai ser mãe. Parabéns – respondeu a doutora.

Tive outra crise de choro. Ângela ligou para Juliane:

– Juliane, por favor, faça uma água com açúcar para a paciente Débora.

– Sim, Dra. Ângela.

Juliane foi à copa, preparou um copo de água com açúcar e o deu para mim.

Ao chegar da ginecologista, vi Fábio na portaria do meu prédio. Quando o portão da garagem se abriu e eu entrei com minha moto, ele disse:

– Débora, Débora!

– Oi – respondi, asperamente – Eu tô com pressa.

Fábio tirou um buquê de flores, deu para mim e falou:

– Você é o amor da minha vida, o sol da minha manhã, não sei viver sem seu calor. Aquele momento que tivemos juntos foi maravilhoso. Fica comigo.

– O que rolou entre nós só foi um passatempo, um pente-rala. Tô arrependida de ter ficado com você. Eu nunca te amei. Só tive um desejo. Na real, eu tava chapadaça, não falava nada com coisa nenhuma – respondi, falando alto e jogando as flores no chão.

– E o beijo que você me deu? E as carícias que você me fez? Eu tô apaixonado por você – respondeu Fábio, desesperado.

– Eu não quero nada com você. Para com essa cantilena de frases bregas. Vai embora e me esquece, tá? – gritei.



TIVE um pesadelo terrível na noite passada, onde Fábio se atirou na ponte e morreu por descreditar da vida e eu era um dos motivos. Via várias pessoas me acusando e apontando o dedo para mim, me acusando de provocar a desgraça.

Marianna, desesperada, me mandou mensagem:

“Débora, pelo amor de Deus, vai pra Terceira Ponte urgente. O Fábio tá ameaçando se jogar. Perdeu o emprego, o seu amor e o irmão dele foi assassinado por dívidas de drogas”.

Desesperada, peguei a moto e pilotei até o vão central da Terceira Ponte⁷, gritei e puxei Fábio pelo braço:

– Fabinho, pelo amor de Deus, não faz isso. É um caminho sem volta! Sei de tudo. A Marianna me mandou mensagem, dizendo que você queria se ma-

tar, porque te mandaram embora da empresa, seu irmão foi assassinado por causa das drogas e eu te desprezava. Se você caísse dessa ponte, o remorso me atormentaria pelo resto da vida e uma criança ficaria órfã de pai – falei.

– Órfã de pai? – perguntou Fábio, ainda sem entender nada.

– Eu vou ser mamãe e você vai ser papai. Simples assim – disse, acariciando a barriga.

Vi descer uma cachoeira de lágrimas no rosto de Fábio.

– Nunca vi ninguém me amar assim de verdade como você. Eu te peço perdão por ter ferido seus sentimentos. Quero ter você do meu lado – disse, chorando e abraçando Fábio.

– Na moral? – perguntou Fábio, ainda cético.

– Claro, seu bobo. Nunca falei tão sério em minha vida como agora. Você vai pra minha casa agora – respondi, dando um beijo na boca de Fábio.

Alguns motoristas ovacionaram e aplaudiram a cena, mas um motorista do Transcol⁸ mal-humorado reclamou:

– Até que horas vocês vão discutir a relação?

– Até a hora que eu quiser – falei, levantando o dedo para o motorista.

No jantar, eu e Fábio conversamos:

– Fábio, o que aconteceu com seu irmão?

– Débora, meu irmão gêmeo, o Luan, era usuário de crack desde os 16 anos. Repetiu de ano e largou a escola. Mamãe tava desesperada, porque ele tava roubando as coisas dentro de casa e trocando por pedra. Além disso, o Luan cometia furtos na vizinhança e devia mais de R\$ 100 na boca de fumo. No auge do desespero, mamãe acorrentou meu irmão pra que ele não saísse pra buscar pedra. Aí, era pior, porque vinha

a crise de abstinência e o Luan ficava muito violento. Os traficantes deram o aviso: meu mano tinha até ontem pra acertar o que devia na boca, do contrário, o matariam. Ele não tinha o dinheiro e pagou com a vida

– Vocês tentaram arrumar uma clínica pra ele?

– A gente lutou pra que o Luan fosse internado, mas ele não queria saber de clínica nenhuma. Se falasse a respeito de internação, meu irmão explodia de raiva.

– Como ele entrou nessa vida?

– Foi no tempo de escola. Luan foi na pilha de uns amigos da onça e começou a usar fristo.

– Você perdeu o emprego?

– Sim, Débora. Após o almoço, Heron, o dono da empresa, fez uma reunião com os funcionários. Ele alegou dificuldades financeiras por causa da perda de várias concorrências públicas. O proprietário da loja havia lhe pedido o imóvel, porque aluguel tava atrasado e precisava ficar próximo da filha, que tem leucemia. Disse que no dia seguinte, a gráfica seria fechada e estávamos despedidos.

– Que barbaridade! E seus direitos trabalhistas?

– O Heron mandou voltar na segunda pra buscar o dinheiro.

– Tenho uma sugestão: pega esse dinheiro e vamos juntos montar um bureau de design gráfico.

– Vamos sim, Débora. Sempre tive o sonho de ter um bureau. É o começo para montar uma agência de publicidade.



MESES DEPOIS, eu e Fábio abrimos um bureau de design gráfico numa loja perto do Triângulo das Bermu-

das. Estava com cinco meses de gestação. Feliz da vida, deixei cartões de visita do novo negócio nas lojas da Praia do Canto. No meio da tarde, cheguei à loja e falei com Fábio:

– Oi, meu bem. Tenho uma novidade pra você. Fiz a ultra agora há pouco e vai ser um menino.

– Um menino. Vou ser pai de um menino – disse Fábio, com a cabeça inclinada na minha barriga.

– Sim, Fábio. Estamos grávidos de um menino – respondi acariciando a cabeça de Fábio.

– Qual é o nome que a gente pode dar pra ele? – perguntei.

– José, Augusto, sei lá – titubeou Fábio.

– José Augusto é um nome bacana. Taí, o nome do nosso menino vai ser esse – decidi.

Decidi que faria parto normal e em casa, após ver vários vídeos de partos humanizados no YouTube e ouvir relatos de amigas e conhecidas que passaram por essa experiência.



CINCO HORAS E TRINTA MINUTOS. Fui ao banheiro tomar uma chuveirada quente para relaxar. Repentinamente, uma dor nas costas me incomodou. As dores aumentaram, fiz força descomunal e agachei. Minha bolsa rompeu e gritei:

– Fabinho, a bolsa estourou. O José Augusto tá chegando ao mundo.

Eu estava com dilatação total. Uma força estranha ainda maior apoderou-se de mim. Às seis da manhã, dei à luz a José Augusto, no banheiro do apartamento. Fábio desabou no choro.

– Fabinho, eu sou a mulher mais feliz do mundo. Hoje, nasceu o fruto do nosso amor. Lindo, indiozinho

igual a você – falou Débora, amamentando José Augusto.

– Meu filho é lindo, muito lindo – respondeu Fábio, chorando e me abraçando.

Contudo, a placenta não “nasceu” e acompanhada de Girlaine, fui ao Hospital Santo Amaro. Conversei com Luísa, a recepcionista:

– Eu pari em casa às seis da manhã. Meu bebê tá com meu marido, mas minha placenta não “nasceu” e preciso de ajuda pra removê-la.

– Nasceu em casa? Não sei se podemos te atender – disse Luísa, em tom alto e debochado de voz.

Procurei a Maternidade Maria Ortiz. Depois de alguns minutos, fui admitida no estabelecimento.

– Cadê o seu bebê? – perguntou Dra. Beatriz, a obstetra daquele plantão.

– Ficou em casa com meu esposo – respondi.

– Eu quero ver seu bebê. Ou você traz seu bebê, caso contrário, chamo a polícia e abro um B.O contra você. Isso é crime, você e o bebê poderiam morrer. Você não sai desse hospital até ver esse bebê. Meu plantão acaba às sete da noite e eu não vou sair daqui até ver essa criança – ameaçou Dra. Beatriz.

Fui levada para uma sala. A médica puxou a placenta pelo cordão umbilical, enquanto apertava a barriga.

– Faça força pra sair – falou Dra. Beatriz.

– Eu não aguento mais – gritei.

– Eu vou te fazer uma curetagem no centro cirúrgico pra tirar essa placenta – falou Dra. Beatriz.

– Faça o que achar melhor – concordei.

Quando me levantei da maca, vi uma poça de sangue. Tive uma hemorragia.

– Parto domiciliar é crime! Vou tirar o seu útero – gritou Dra. Beatriz.

A maca onde eu estava deitada e chorando passou pela recepção do andar, antes de chegar ao centro cirúrgico.

A médica gritou para quem quisesse ouvir, em tom professoral:

– Isso aqui é um parto domiciliar, viu? É isso que acontece.

Durante o procedimento de remoção da placenta, as portas do centro cirúrgico ficaram abertas. Todos que passaram pelo corredor me viram de pernas abertas. Fui mais uma vez humilhada pela Dra. Beatriz:

– Se seu parto domiciliar não deu certo, você deveria se virar e levar um médico até sua casa pra tirar a sua placenta e não trazer problemas pro meu hospital.

O que a doutora não sabia é que gravei todas as conversas com meu celular.



SAÍ DO HOSPITAL, com o desejo de esfolar viva e depois, trucidar a Dra. Beatriz com minhas próprias mãos, por todas as humilhações e ameaças feitas por ela. Só ficou na vontade, porque não queria perder minha juventude numa cela fria e imunda, com detentas com cara de poucas amigas, vestir aquele uniforme de presidiária, apanhar das carcereiras e comer marmitta azeda.

Eu tinha um bebê que dependia de meus cuidados, um esposo lindo e carinhoso e não queria me ver longe deles devido a um desatino.

No carro, eu e Fábio conversamos:

– Que bom ter saído daquele hospital. Se tivesse ficado mais um pouco, teria cometido um assassinato.

– Por quê, meu amor?

– Aquela doutorzinha, chamada Beatriz, falou um

monte de idiotices e me humilhou na frente de todo mundo naquele hospital. Ela ameaçou chamar a polícia, se eu não trouxesse nosso bebê, ameaçou arrancar meu útero e gritou que parto domiciliar era crime. Quando a digníssima médica removeu minha placenta, as portas do centro cirúrgico ficaram abertas. Todos me viram com as pernas escancaradas. Foi constrangedor demais.

– Miserável! Como ela pôde ser tão cruel?

– Talvez pelo fato de considerar o parto como um ato médico, quando, na verdade, a mulher é dona do seu parto e protagonista deste processo. Ela tá acostumada a lidar com o nascimento enquanto evento hospitalar, cheio de intervenções médicas e medicamentosas.

– Qual é nome do hospital que você foi?

– Maternidade Maria Ortiz.

– Há exatos dois anos, minha prima perdeu a bebezinha dela nesse açougue chamado hospital.

– Meu Deus! Como foi isso?

– A Úrsula, minha prima, deu entrada naquele maldito hospital, em trabalho de parto. Ela foi examinada e lhe informaram que deveria aguardar a evolução do parto, mas não tinha dilatação. O obstetra de plantão mandou fazer uma cesárea. Contudo, não havia anestesista no plantão do dia. Ela esperou por oito horas pelo anestesista da noite. Quando fizeram a cesárea, já era tarde. O bebê, que se chamaria Adrian, nasceu morto.

– Quanto descaso! E o que aconteceu depois?

– Nada. Tudo dantes no quartel de Abrantes. Os processos que Úrsula moveu contra os médicos na justiça e no CRM⁹ tão parados. Ah, se fazem um troço desses com uma filha de bacana.

– É babado e confusão, com uma gorda indeni-

zação por danos morais e os registros de médicos casados. Doutora Beatriz e o hospital que se cuidem. Isso não vai ficar assim. Vou buscar meus direitos, custe o que custar!

Já no meu apartamento, amamentando José Augusto e vendo televisão, uma notícia no telejornal das 19 horas me chocou deveras: uma menina de 16 anos deu à luz na porta da Maternidade Maria Ortiz, após ter o atendimento negado por falta de vagas.

Ela ficou por uma hora e meia na calçada reclamando de dores. Infelizmente, a criança nasceu morta e os bombeiros que trouxeram a moça na ambulância, indignados, deram voz de prisão à Dra. Beatriz, sim aquela doutorzinha ordinária, por omissão de socorro. Bem feito para ela!

Desliguei a TV, peguei o celular e liguei para Marianna:

– Ei, Marianna, boa noite.

– Débora, meu amor, meus parabéns. Fiquei sabendo que o José Augusto nasceu hoje em sua casa.

– Obrigada, querida. Acordei pra tomar uma ducha, senti uma dor nas costas, a dor foi aumentando, agachei e a bolsa rompeu. Em poucos minutos, meu príncipe havia chegado ao mundo.

– Que lindo!

– O pós-parto não foi nada lindo. A placenta não saiu e fui a um hospital pra removê-la, mas se negaram a me atender, porque dei à luz em casa. Fui em outro estabelecimento, onde sofri humilhações da obstetra de plantão, a Dra. Beatriz. Aquela vaca ameaçou chamar a polícia, caso não trouxesse meu bebê, disse que parto domiciliar era crime, me expôs ao ridículo, com as pernas escancaradas e as partes íntimas expostas.

– Você tem que denunciar isso. Na faculdade, tem

uma professora, que é âncora do Correio Notícias Primeira Edição. Daqui a pouco, vai rolar uma defesa de TCC e ela tá na banca. Posso falar com ela e sugerir essa pauta.

– Pode falar com ela. Qualquer novidade, você me fala. O José Augusto tá querendo mamar. Quando puder, venha nos visitar. Um beijo.

– Outro, Débora.



APÓS PASSAR a noite em claro amamentando e acalentando meu bebezinho, fui para a cama e usufruí o sono dos justos. Ao meio-dia, meu celular tocou. Com voz de sono, atendi:

– Alô, que fala?

– Meu nome é Yuri Nogueira. Sou pauteiro do telejornal Correio Notícias Primeira Edição. Recebi a sugestão de pauta pela apresentadora. Nosso objetivo é apresentar uma série de reportagens sobre as irregularidades da Maternidade Maria Ortiz. Queríamos fazer uma entrevista com você.

– Claro. Faço isso com o maior prazer.

– Se você não quiser se identificar, a gente vai respeitar.

– Pra quê esconder o rosto? Tenho uma denúncia grave contra uma das doutoras daquele açougue imundo e tenho as provas.

– Do que se trata?

– Eu fui vítima de violência obstétrica pela Dra. Beatriz, a obstetra daquele pardieiro. Meu crime: parir em casa.

– Então você teve um parto humanizado?

– Sim, como eu havia planejado. Meu bebê nasceu esbanjando saúde, mas minha placenta não saiu e

busquei atendimento naquele lugar. Aquela maluca com diploma ameaçou arrancar meu útero, gritou que parto domiciliar era crime e me expôs ao ridículo diante de todos que passavam, deixando as portas do centro cirúrgico abertas, onde eu estava na maca de pernas abertas e minhas partes íntimas expostas.

– Que provas você tem?

– Vários vídeos com todas as humilhações da Dra. Beatriz.

– Maravilha! Você pode nos receber hoje às 16 horas?

– Hoje não será possível, porque nesse horário, vou levar o José Augusto ao pediatra pra fazer a primeira consulta de rotina. Amanhã, no mesmo horário, posso recebê-los.

– De acordo. Amanhã, a equipe de reportagem vai à sua casa. Débora, muito obrigado pela atenção e tenha uma boa tarde.

– Eu que agradeço. Até mais.

Dito e feito, na tarde do dia seguinte, recebi a equipe da TV Correio e relatei todas as humilhações sofridas na maternidade Maria Ortiz. Entreguei a repórter Tâmara Barbosa um pendrive com os vídeos das agressões. A jornalista me disse que por determinação dos editores, a minha parte iria ao ar amanhã. Seja o que Deus quiser.

NOTAS

1. Adriane, 27 anos

1. Cidade que faz parte da Grande Vitória.
2. Bairro de Cariacica, cidade próxima à Vitória, capital do Espírito Santo.
3. Raspagem dos pelos antes de uma cirurgia.
4. No jargão médico chama-se manobra de Kristeller. A prática é considerada inadequada pelo Ministério da Saúde brasileiro e pela Organização Mundial de Saúde. É considerada uma violência obstétrica.
5. É um corte feito entre a vagina e o ânus para facilitar a saída do bebê no parto normal.
6. Também conhecido no linguajar médico como o ponto do marido, que é um ponto dado durante a episiorrafia (costura da episiotomia) para apertar a abertura da vagina. É um procedimento sem amparo científico, tão-somente baseado na crença de que a vagina se alargaria durante a gestação e que a deixando mais apertada com tal ponto, proporcionado mais prazer ao homem.

2. Isadora, 22 anos

1. Bairro de classe média-alta de Vitória.
2. Praia localizada em Vitória e a maior da capital, com 6 km de extensão.

3. Camilla, 18 anos

1. Mistura de crack com maconha.
2. Bairro de classe média de Vitória.
3. Também conhecida como Praça Cristóvão Jaques, fica localizada na Praia de Santa Helena. A praça tem brinquedos, quadra de futebol e quadra de tênis.

4. Débora, 20 anos

1. Rua do bairro Praia do Canto, em Vitória.
2. Bairro de classe média-alta de Vitória.
3. Bairro de Vitória, que faz parte da Grande Maruípe.
4. Vinho batido com leite condensado.
5. Cidade localizada no interior do Espírito Santo.
6. Departamento Médico-Legal.
7. Ponte que liga Vitória à cidade de Vila Velha.
8. Sistema intermunicipal de transporte urbano, administrado pela CETURB-ES (Companhia Estadual de Transportes Coletivos de Passageiros do Estado do Espírito Santo)
9. Conselho Regional de Medicina.

SOBRE O AUTOR

Maxwell dos Santos é brasileiro, nascido em Vitória/ES em 1986 e mora na referida cidade. É jornalista, radialista, designer gráfico e servidor público da Prefeitura de Cariacica desde 2017 e professor de Literatura Brasileira dos cursinhos Risoflora, Atitude e ResistENEM. É técnico em Multimídia pelo CEET Vasco Coutinho (2016), licenciado em Letras/Português pelo Instituto Federal do Espírito Santo (2021), licenciando em História pelo Centro Universitário Internacional, especialista em Educação Especial com Ênfase em Transtornos Globais do Desenvolvimento e Superdotação pela Faculdade de Educação Paulistana (2021), especialista em Revisão de Textos pela Faculdade Facuminas (2021), pós-graduando em Escrita Criativa em História pelo Centro Universitário Internacional, Roteiro e Multiplataformas pela Faculdade Novoeste e bacharelando em Jornalismo Digital pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci.



CONTRIBUA COM A LITERATURA

Se você gostou da obra e quer contribuir financeiramente com o autor para que este continue escrevendo, faça um depósito de qualquer valor nas seguintes contas:

Caixa Econômica Federal

Pix: 108.848.757-25

PicPay

@maxwell.santos2 | Pix:(27)99943-3585

Neon

Pix: sanmaxwell@gmail.com

